

## NÓS DO MORRO – 30 ANOS DE UMA TURMA DE BAMBA NO VIDIGAL

NÓS DO MORRO - 30 YEARS OF A BAMBA TEAM IN THE VIDIGAL

**Marina Henriques Coutinho**

Marina Henriques Coutinho  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Professora do Departamento de Ensino do Teatro, do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Artes Cênicas (PPGEAC) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Coutinho é doutora em Artes Cênicas (UNIRIO), atriz e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Sua tese de doutorado, A Favela como Palco e Personagem e o Desafio da Comunidade-sujeito, recebeu Menção Honrosa no Prêmio CAPES de Teses. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Pedagogia Teatral, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro em comunidades, teatro aplicado, teatro e escola. Atualmente, na UNIRIO, coordena o projeto de pesquisa, Teatro Aplicado: Investigações sobre um Universo em Expansão e o programa de extensão, Teatro em Comunidades.

Marina Henriques Coutinho  
Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO)

Professor of the Theater Teaching Department, the Postgraduate Program in Teaching of the Performing Arts (PPGEAC) and the Graduate Program in Performing Arts (PPGAC) of the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). Coutinho holds a PhD in Performing Arts (UNIRIO). She is actress and has a bachelor's degree in Social Communication/Journalism from the State University of Rio de Janeiro (UERJ). Her doctoral thesis, The Favela as Stage and Character and the Community-Subject Challenge, received an Honorable Mention in the Thesis CAPES Award. She has experience in Arts, with emphasis on Theater Pedagogy, acting mainly in the following subjects: theater in communities, applied theater, theater and school. Currently, at UNIRIO, he coordinates the research project, Applied Theater: Investigations on an Expanding Universe and the extension program, Theater in Communities.



## **RESUMO:**

O artigo analisa aspectos da trajetória de trinta anos do grupo de teatro Nós do Morro, da favela do Vidigal, situando-o como experiência pioneira e marco na História do Teatro Brasileiro. Aborda a dramaturgia de Luiz Paulo Corrêa e Castro como fundamento para a expressão da voz de sua comunidade-mãe. O texto também investiga a contribuição da produção artística do grupo como estímulo para a formação de novos coletivos teatrais, oriundos dos espaços populares, e seu potencial para lutar pelo direito à cidade.

**Palavras-chave:** Nós do Morro; História; Teatro; Favela; Cidade

## **ABSTRACT:**

This article analyzes aspects of the thirty-year trajectory of the theater group Nós do Morro, from the Vidigal favela, situating it as a pioneering and landmark experience in the History of the Brazilian Theater. It addresses the dramaturgy of Luiz Paulo Corrêa e Castro as a basis for the expression of the voice of its mother community. The text also investigates the contribution of the artistic production of the group as a stimulus for the formation of new theatrical collectives, coming from the popular spaces, and its potential to fight for the right to the city.

**Keywords:** Nós do Morro Group; History; Theater; Slum; City

## NÓS DO MORRO – 30 ANOS DE UMA TURMA DE BAMBA NO VIDIGAL

Marina Henriques Coutinho

*No Vidigal tem uma turminha de bamba  
Que não se esquentava com as ameaças do rei  
Se vem o mal toda a favela se levanta  
Seja lá quem for se espanta  
Se vem tirar chinfrá de lei.<sup>1</sup>*

Quando o Bar-raco fechava, iam todos para o Bataclã. Nas madrugadas do final dos anos setenta e início dos anos oitenta era assim no Vidigal: quando o boteco Bar-raco baixava a porta, o encontro entre o pessoal do morro, “dos prédios” e do “asfalto”<sup>2</sup>, continuava no Bataclã, casa da Berê, mulher forte da favela. Nas noites do Vidigal, o samba e a cerveja misturavam gentes da cidade: o favelado, o intelectual comunista, a moça do Leblon e os artistas, moradores dos prédios no pé do morro, que encontravam inspiração na atmosfera da favela.

É neste cenário que o dramaturgo Luiz Paulo Corrêa e Castro ambienta a ação de *Bataclã*, último espetáculo do Nós do Morro.<sup>3</sup> Em março de 2016, para comemorar trinta anos de trabalho ininterrupto, o grupo escolheu contar a sua própria história. De acordo com Corrêa e Castro, foram os encontros naquela casa no alto do morro, o convívio entre os seus diversos frequentadores, que prepararam o terreno para o

1 Letra da música “Vidigal”, de Sérgio Ricardo. Compositor, cineasta e artista plástico que nos anos 70 mudou-se para o Vidigal, onde reside até hoje.

2 O termo “asfalto” é utilizado, embora esteja já caindo em desuso, por pessoas que moram nas favelas para denominar os bairros.

3 FICHA TÉCNICA: Texto: Luiz Paulo Corrêa e Castro, Direção: Fernando Mello da Costa Elenco: Eduardo Bastos, Hélio Rodrigues, Hugo Alves, Juliana Melo, Lorena Baesso, Luís Delfino, Melissa Arievo, Marcello Melo, Renan Monteiro, Sabrina Rosa, Sandro Mattos e Wendel Barros. Direção Musical e Trilha Sonora: José Luiz Rinaldi, Figurinos: Kika de Medina, Cenografia: Fernando Mello da Costa, Designer de luz: Renato Machado. Em 2016, o espetáculo esteve em cartaz no Casarão do Nós do Morro, no Teatro Sesc Copacabana e no Teatro Serrador.

nascimento de um núcleo de teatro no Vidigal. No Bataclã, casa de Berê que na verdade era Dona Chica, nasceu o embrião do Nós, batizado, primeiramente, como Projeto Teatro Comunidade (Porto, 2009, p.35).

Mais uma vez – como acontecera em diversos momentos da trajetória do grupo – a opção foi eleger a comunidade-mãe<sup>4</sup> como assunto da obra. Como seria possível contar a história do Nós do Morro sem falar do Vidigal, lugar onde uma turminha de bamba enfrentou o rei e levantou a favela contra a política remocionista durante o período da ditadura militar?<sup>5</sup> Turma essa que se organizou e fundou, ainda em 1967, a Associação de Moradores do Vidigal (AMV), protagonista da luta em defesa da consolidação da comunidade naquela área considerada nobre da cidade.<sup>6</sup>

Para Luiz Paulo Corrêa e Castro, a conjuntura política do Vidigal nas décadas de 1970 e 1980 e o convívio entre as diferentes “tribos” que ali moravam ou circulavam criaram uma terra fértil para um encontro inusitado entre culturas diferentes, favorecendo assim o surgimento do Nós do Morro, em 1986. Naquele ano o grupo iniciou suas atividades, fundado pelo ator e diretor Guti Fraga, em parceria com Fred Pinheiro, Fernando Mello da Costa, Corrêa e Castro e Maria José da Silva, contando com a participação de aproximadamente vinte pessoas.

Ao longo dos últimos trinta anos, de acordo com Correa e Castro – atual diretor do grupo – já passaram pelo Nós do Morro mais de seis mil pessoas, entre crianças, jovens e adultos. O grupo tornou-se uma referência entre as práticas teatrais desenvolvidas com moradores de favelas no Brasil. O pioneirismo, a longevidade da iniciativa, bem como a repercussão de suas realizações dentro e fora do Vidigal, reserva ao Nós um lugar de destaque na História do Teatro Brasileiro. Na ocasião em que o grupo completava vinte anos, a professora Tania Brandão reconheceu que:

---

4 Este conceito foi elaborado pela autora deste artigo em sua tese de doutorado *A Favela Como Palco e Personagem*, publicada em 2012. Vide referências bibliográficas.

5 As remoções tiveram um papel central para a expansão imobiliária vinculada ao acelerado crescimento econômico do país – “o milagre brasileiro”. Neste período destacam-se a erradicação de diversas favelas. Entre 1962 e 1973 quase 140 mil pessoas foram removidas para conjuntos habitacionais. De acordo com Jailson de Souza: “A política remocionista não considerou a voz, o sentimento nem a própria vida dos moradores das áreas ocupadas”. (Silva, Jailson, 2005, p. 46-47)

6 Situado numa das áreas mais valorizadas da cidade do Rio de Janeiro – a encosta do Morro Dois Irmãos, entre os bairros do Leblon e São Conrado – o Vidigal sempre foi alvo da especulação imobiliária, interessada na construção de casas e hotéis de luxo.

Uma história de grupo que é uma exceção, sem paralelo qualquer no passado recente de nossa cena. (...) Não há registro de qualquer grupo proveniente de uma realidade comunitária que tenha conquistado projeção inquestionável em nosso teatro, como é o caso do *Nós do Morro*. (...) É essencial, portanto, reconhecer como, em cerca de vinte anos, a paisagem teatral e humana do Rio de Janeiro foi alterada por obra e graça de um pequeno grupo que acreditou em si e resolveu apostar no seu desejo de fazer acontecer. O grupo *Nós do Morro* se inscreveu no tempo, mudou a História do Teatro Brasileiro (Brandão, 2009, p.131).

De acordo com Brandão “não foram poucas as realizações – O Nós do Morro tem uma folha de serviços impressionante, um ritmo de trabalho invejável (...) construiu a sua história em etapas progressivas de muita luta, mas consolidadas” (Brandão, 2009, p.131).

Em três décadas de existência o grupo exhibe um currículo de mais de 32 espetáculos profissionais, apresentados em diferentes palcos do Brasil e do exterior; outros inúmeros exercícios teatrais montados por turmas do grupo no Casarão ou no Teatro do Vidigal<sup>7</sup>; prêmios como IX Prêmio Shell de Teatro (1996); Prêmio Coca-Cola de Teatro Jovem (1997); parcerias importantes como, por exemplo, com a Royal Shakespeare Company, além de atuar também no audiovisual, formando jovens cineastas.

Analisando o percurso do grupo com um olhar ainda mais atento, merece ser destacada a produção dramatúrgica de Luiz Paulo Correa e Castro, nascido e criado no Vidigal. Na programação da Mostra de Teatro Nós do Morro 30 anos<sup>8</sup> constavam apresentações de quatro peças com dramaturgia de Corrêa e Castro: *É proibido brincar* (1998), *Abalou – um musical funk* (1997), *Noites do Vidigal* (2002) e *Bataclã* (2016)

7 Dois espaços sedes do grupo do Nós do Morro no Vidigal, onde ocorrem as atividades de aulas e apresentações de espetáculos. No momento, devido à falta de verba, o grupo abriga duas turmas para crianças e uma de adolescentes, num total de aproximadamente 110 participantes.

8 A Mostra aconteceu entre de 3 a 29 de setembro de 2016 nos espaços do grupo, no Vidigal, e contou com a apresentação de espetáculos, exibição de filmes e Show de Variedades (Campinho Show na Vila Olímpica do Vidigal).

– as três últimas inspiradas por situações da favela, característica presente na maior parte dos textos escritos pelo autor<sup>9</sup>.

*Encontros* (1987) e *Biroska* (1989) – primeiros espetáculos montados pelo grupo com dramaturgia de Castro – já indicavam o caminho que favoreceria a emersão de uma cena e de uma dramaturgia próprias: para falar à sua comunidade o Nós transforma os temas do cotidiano da favela em matéria artística, brinca com situações fantásticas do imaginário vidigalense e reverência, no palco, a sua comunidade-mãe.

A cena do grupo, seja a que revelou o Vidigal como sua personagem protagonista ou a que explorou universos distantes, como os de William Shakespeare, trouxe impregnada, no corpo e na voz dos atores, a alma vidigalense. Para selar a relação palco-plateia e fazer acontecer o fenômeno teatral dentro do Vidigal, o Nós do Morro optou por criar uma narrativa própria, contando histórias da própria comunidade.

Uma das primeiras cenas de *Bataclã* relembra a famosa visita do Papa João Paulo II ao morro, em 1980. O Vidigal havia sido selecionado entre todas as demais comunidades para a visita do Pontífice. O que seria, na ótica da população, um verdadeiro encontro com a santidade, marcou momentos de total desapontamento. Patrulhas policiais bloquearam a entrada do morro, a multidão se aglomerou por trás do cordão de isolamento e mal conseguiu vislumbrar a figura do Papa, tal foi a rapidez com que seu carro passou.

O trajeto percorrido por João Paulo II havia sofrido várias melhorias, embora um grupo de moradores tivesse ido à Prefeitura solicitar que nenhum tipo de embelezamento fosse feito na área, para que a santidade tivesse uma visão real da favela. A passagem histórica é rememorada na cena de *Bataclã*:

ANIMAL - Mas não é pecado uma coisa dessas? Vocês perguntaram pro pessoal do morro o que eles acham dessa visita?

---

9 Corrêa e Castro é autor também de *Burro sem Rabo* (2004). Além disso, é responsável por adaptações de obras de outros autores, tais como: *Sonho de uma noite de verão - uma intromissão do Nós do Morro no universo shakespeariano* (2004/2005); *Carmen de Tal* (2006); *Machado a 3X4* (2009); *Domando a Megera* (2015).



ROCHA - Pecado maior é colocar tapete vermelho pra disfarçar o barro.

CÉSAR – Ele podia era visitar o Bataclã! Vai que ele não multiplica o pão e a linguiça e transforma a nossa água em cerveja?

ZÉ ROBERTO – Não brinca, César. Vamos lá protestar e depois a gente faz uma passeata na Niemeyer.

(Castro, 2016, p. 7).



Cena de Bataclã. Teatro Sesc Copacabana. Outubro 2016. Foto: Claudio Louro

Em outra cena, o ambiente festivo do local cede espaço a um debate acalorado, no qual as personagens enfrentam divergências sobre o significado de viver na favela. Zé Roberto e Berê, moradores da parte favelada da encosta do morro, questionam Maria, artista viajada que escolhe morar nos prédios do Vidigal acompanhando o modismo da época, e Marcela, filha da classe média alta carioca, que se aventura na experiência de entrar em contato com uma outra face da cidade:

ZÉ ROBERTO - Isso aí é conversa prá boi dormir. Coisa de desbundado! Tinha é que distribuir essa renda. E aí, cada um ia ter seu canto prá viver e acabava com essa

coisa de favela.

[...]

MARIA - Ele não sabe o que fala. (para Zé Roberto)  
Artista é artista em qualquer lugar, rapazinho. Lá em  
Manhatan...

MARCELA - (rindo) É isso aí, Maria! Viva a favela!!!

BERÊ - E tu não se mete sua patricinha. No Selva de  
Pedra não tem goteira.

MARCELA - Mas eu não vim morar aqui no morro?

BERÊ - De fogo no rabo. Modismo puro.

ZÉ ROBERTO - Você veio morar nos prédios, Marcela.  
É diferente. Vou botar vocês num barraco prá vocês  
verem o que é bom prá tosse. (irônico) Pelo menos, vão  
economizar no ar condicionado.

BERÊ - Pode ir parando de ironia seu Zé Roberto. O que  
eu tô criticando é o Augusto, a Maria e a "dona" Marcela,  
que nunca viram um barraco de verdade e ficam aí  
falando que é tomate maravilha viver numa porra de  
muquifo, com goteira pingando na cabeça e chão de  
barro "cheio de estrela".

[...] BERÊ - Vou mandar vocês para passar uns dias no  
barraco da minha tia Mica, lá no alto da favela. Depois a  
gente vê se vocês vão continuar jogando conversa fora  
sobre a "poesia" dos barracos pendurados no morro.

(Castro, 2016, p. 9-10).

O diálogo entre as personagens não deixa invisível as contradições da cidade em que vivemos. Há os moradores do Vidigal, aqueles que veem lá de cima as praias do Leblon e Ipanema, os edifícios dos endereços mais ricos da cidade; outros, os que visitam o morro e que não esquecem a imagem dos barracos cravados em sua encosta, a paisagem lá embaixo, o mar e o horizonte. Há ainda os que olham lá de baixo, nunca sobem. Uns procuram saber o que acontece; outros preferem ignorar. A cena do Bataclã – situada no final dos anos 70 e posta no palco em 2016 – expõe as alegrias e as dores da cidade.





Cena de Bataclã. Teatro Sesc Copacabana. Outubro 2016. Foto: Claudio Louro

Foi também no Bataclã que, de acordo com Corrêa e Castro, muitos romances começaram e terminaram, muitas conversas influenciaram a formação intelectual de toda uma geração de moradores: “Ali vivenciamos histórias que ficaram guardadas na memória, um tempo que não volta mais. Só quem viveu é que pode falar. Só quem experimentou é que pode explicar”. Para Guti Fraga: “Depois desta história, o Vidigal nunca mais foi o mesmo e virou um lugar de cultura, onde a vida artística floresce de todos os cantos, becos e vielas. O Grupo Nós do Morro é fruto desse contexto e essa é a nossa história”.<sup>10</sup>

A trajetória da peça não caminha para um desfecho em que mostra o nascimento do grupo, mas indica as tramas, as relações, as sociabilidades que ali se desenvolveram e que fermentaram o encontro entre os fundadores do grupo e os seus primeiros integrantes. Guti Fraga – referência fundamental para o Nós do Morro – optou, como

10 Nós do Morro: 30 anos de arte no Sesc Copacabana. Disponível em: <https://www.sopacultural.com/nos-do-morro-30-anos-de-arte-no-sesc-copacabana/> Acessado em: 02/07/2017.

observa a professora Beatriz Resende, pela “proximidade radical não só em relação ao grupo que se formava, mas a toda a comunidade do Vidigal. Aliando-se essa particularidade ao *verbo* original de Luiz Paulo, estabelecia-se a possibilidade de uma criação artística realmente inovadora” (Resende, 2008, 146).

Mas o que, além do desejo de fazer “teatro com qualidade” na favela – discurso recorrente de Fraga – estaria por trás, ou melhor, por dentro dos corações dele, de Castro e seus companheiros de projeto?

Como evidencia o texto de *Bataclã*, aquele local era o ponto de encontro entre pessoas que, por motivos diversos, cruzavam as fronteiras da cidade; fronteiras essas alargadas nas décadas posteriores devido, principalmente, ao aprofundamento da desigualdade social e ao aumento da violência. Ao reinventar a cena teatral carioca, propondo um teatro feito na favela, pela favela, para dentro e fora dela, podemos dizer que o *Nós do Morro* ajuda a reinventar também a própria cidade.

David Harvey afirma que a liberdade da cidade é o direito de modificá-la “de acordo com o desejo de nossos corações” (Harvey, 2013, p.28). Segundo o autor, a ideia da cidade que nós queremos não pode estar dissociada da ideia da pessoa que nós queremos ser, ou seja, “do tipo de relações sociais que nós procuramos, que relações com a natureza queremos, que estilo de vida queremos, que valores estéticos valorizamos” (Harvey, 2012, p.4). O direito à cidade, afirma ele:

É bem mais que o direito dos indivíduos ou grupos sociais terem acesso aos recursos que a cidade tem. É o direito de mudar e reinventar a cidade a partir de suas aspirações e desejos, o que depende do exercício coletivo. (Harvey, 2012, 4).

As aspirações e desejos daqueles que primeiro se engajaram no projeto de criar um grupo de teatro no Vidigal ajudaram a pulsar no Rio de Janeiro o fluxo de um único coração, o que percebe a favela como parte da cidade.

Na trilha do Nós do Morro, outros coletivos surgiram no Rio e também em municípios próximos. Exemplos disso são os grupos: Código (Japeri, Baixada Fluminense), que é o resultado da extensão das ações do grupo do Vidigal<sup>11</sup> e a Cia. Marginal (Nova Holanda, Complexo da Maré), uma iniciativa que hoje integra as ações da Redes de Desenvolvimento da Maré (REDES)<sup>12</sup>. Cabe destacar que em março de 2017, a Rede Baixada em Cena<sup>13</sup> ganhou o Prêmio Shell na categoria Inovação pelo movimento de discutir a criação estética e o poder de mobilização de 18 coletivos de 13 municípios da Baixada Fluminense, vizinhos à cidade do Rio de Janeiro.

As redes de sociabilidades que se formam para apoiar as ações desses grupos enfrentam, como afirma a Carta da Maré, Rio de Janeiro: “O fortalecimento das noções de ausência, carência e homogeneidade como elementos de percepções reducionistas e de classificações hierárquicas das periferias em relação aos demais espaços da cidade”. E afirma que as periferias devem ser reconhecidas:

pelo conjunto de práticas cotidianas que materializam uma organização genuína do tecido social com suas potências inventivas, formas diferenciadas de ocupação do espaço e arranjos comunicativos contra-hegemônicos e próprios de cada território.<sup>14</sup>

Em 2006, quando o Nós do Morro completou vinte anos, o texto de Beatriz Resende previa que “outras manifestações de vozes que falam por si mesmas” iriam surgir, o que de fato parece ter acontecido. Hoje, diversos grupos – uns mais visíveis, outros nem tanto – buscam, por meio do teatro e também de outras manifestações artísticas, reinventar a cidade de acordo com o desejo de seus corações.

11 A ideia de criar um núcleo de teatro em Japeri surgiu depois que um grupo de jovens do município participou do projeto Tempo Livre, promovido pelo Serviço Social do Comércio SESC, no Centro Cultural de Nilópolis, município próximo a Japeri, com aulas ministradas por integrantes do Nós do Morro.

12 A Redes de Desenvolvimento da Maré (REDES) é uma organização da sociedade civil que se dedica a promover a construção de uma rede de desenvolvimento sustentável, voltada para a transformação estrutural do conjunto de favelas da Maré.

13 A Rede Baixada em Cena faz parte de uma ação coletiva que articula grupos de Teatro da Baixada Fluminense.

14 Carta da Maré, Rio de Janeiro: Manifesto das Periferias, As Periferias e o Seu Lugar na Cidade. Disponível em: <http://of.org.br/noticias-analises/carta-da-mare-rio-de-janeiro-manifesto-das-periferias-as-periferias-e-seu-lugar-na-cidade/> Acessado em: 03/07/2017.

É certo, porém, que os caminhos serão tortuosos. No trajeto do Nós do Morro, afirma Corrêa e Castro, muitas foram, e ainda são, as dificuldades, como: a captação recursos financeiros, o dilema entre se caracterizar para os patrocinadores como projeto social ou artístico, entre incluir mais participantes ou apostar na profissionalização de uma companhia de atores, a “perda” de jovens formados pelo grupo para o mercado, as turmas suspensas quando falta patrocínio e as crianças inconformadas o abordam pelas ruelas do morro, as crises administrativas, enfim, uma vasta lista de motivos para desistir.

Todavia, a turma é de bamba e muitas são as razões para persistir. Luiz Paulo narra, emocionado, o encontro recente com uma menina do Vidigal, acompanhada por sua mãe, num espaço de cinema no bairro de Botafogo: “Garota do morro, sabe? Eu fiquei orgulhoso. Isso é um ganho. Tantos jovens que passaram por ali e conquistaram espaço, passaram a acessar coisas que dificilmente conseguiriam se não fosse o Nós”.<sup>15</sup>

A ideia era de maluco, diziam alguns no Bataclã. E não é que deu certo!

<sup>15</sup> Informação oral. Entrevista em 13/06/2017.

## REFERÊNCIAS

COUTINHO, Marina Henriques. *A favela como palco e personagem*. Rio de Janeiro: DP et Alii/FAPERJ, 2012.

CASTRO, Luiz Paulo Corrêa. *Bataclã*. Texto teatral, 2016.

BRANDÃO, Tania. Paisagens de luz e outras histórias. In: PORTO, Marta. *Nós do Morro 20 anos*. (Ed.) Rio de Janeiro: [X] Brasil, 2009, página 124-133.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: *Cidades rebeldes*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013, (p.27-34).

RESENDE, Beatriz. Noites e Dias no Vidigal: o Nós do Morro. In: PORTO, Marta. *Nós do Morro 20 anos*. (Ed.) Rio de Janeiro: [X] Brasil, 2009, página 144-149.

SILVA, Jaílson de Souza e BARBOSA, Jorge Luiz. *Favela, alegria e dor na cidade*. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Rio:[X] Brasil, 2005. p. 46-47.